

## Quinta-feira 26 de Julho

**Timothy RADCLIFFE**

### **«Vai e faz tu também o mesmo (Lucas 10,37)»**

Estes últimos dias foram cheios de palavras. Vocês tiveram de ouvir as minhas enfadonhas palavras e, espero, trocado palavras mais interessantes uns com os outros. Mas as últimas palavras convidam-nos a passar das palavras aos actos. «Vai e faz tu também o mesmo». Deixemos que a palavra se torne carne.

Em Nova York fez-se uma experiência. Pediu-se a um grupo de seminaristas que preparassem uma homilia sobre a parábola do Bom Samaritano para aprenderem a pregar. Eles prepararam os seus textos num edifício e, a seguir, tiveram de descer a rua e ir para um estúdio, onde se faria a gravação em vídeo. Um actor vestiu-se de homem ferido caído no passeio coberto de sangue, pedindo ajuda. Oitenta por cento deles passaram por ele e nem sequer o viram. Estudaram a parábola e até compuseram belíssimas palavras sobre ela, mas foram capazes de passar pelo ferido e ignorá-lo.

Como muito bem disse o Cardeal Martini: «Embora as Equipas de Nossa Senhora não sejam um Movimento de acção, querem ser um Movimento de gente activa»<sup>1</sup>. Que nos impede de agir? Talvez, diante do sofrimento do mundo, nos sintamos incompetentes. Que diferença pode fazer a minha insignificante pessoa? Mahatma Gandhi disse: «O que quer que façam será insignificante, mas é importante que o façam». Cada um de nós deverá fazer a sua pequena boa acção. Com a graça de Deus, ela pode mudar o mundo.

Pensem em Rosa Parks, uma americana negra que, em 1955, se recusou a ceder a um branco o seu lugar num autocarro. Um acto muito pequeno, decidido no momento, abanou o mundo e contribuiu para acabar com a segregação racial. Um dominicano irlandês, Herbert McCabe, andava em viagem na África do Sul no tempo do apartheid, quando os brancos ocupavam a parte da frente dos autocarros e os negros a parte de trás. Herbert deliberadamente foi sentar-se num banco na parte traseira, e foi interpelado pelo revisor. «O senhor não se pode sentar aqui». «Por que não?». «Porque é branco». Ele respondeu: «Não sou branco, sou irlandês».

Há quem acuse a hierarquia da Igreja. Se, ao menos, a Igreja fosse diferente, eu poderia fazer alguma coisa. Se a Igreja reconhecesse o papel dos leigos, poderíamos agir. Mas pensem em Sta. Catarina de Sena no séc. XIV. Ela encontrava-se diante de uma Igreja dividida em duas, com um Papa a viver no exílio em Avignon, e foi ter com o Papa e disse-lhe o que ele devia fazer! Disse a Raymond Capua, Mestre da Ordem dos Dominicanos que, com o fogo do amor divino, «seremos construtores em vez de inactivos e destruidores»<sup>2</sup>. Muitas das pessoas que transformaram a Igreja, como S. Bento e S. Francisco, não eram ordenados. A transformação vem, geralmente, do povo de Deus.

---

<sup>1</sup> Encontro dos Responsáveis de Sector da Itália 1988.

<sup>2</sup> Mary O'Driscoll OP *Catherine of Siena: Passion for Truth and Compassion for Humanity* New York 1993, p. 48.

Muitas vezes, a nossa tentação é não agir mas reagir. A minha mulher quer ver um filme na televisão e eu decido que quero ver o futebol. Não porque queira realmente vê-lo, mas só para ela saber que eu também tenho os meus desejos. Ou então agimos por medo, como o sacerdote e o levita, que não ousaram tocar o homem ferido.

Agir bem enraíza em deixar germinar nos nossos corações a Palavra que Deus pronunciou. Deus pronunciou uma palavra de graça e ela realizar-se-á. Deus diz em Isaías: «O mesmo sucede à palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, sem ter realizado a minha vontade e sem cumprir a sua missão» (Isaías 55,11).

A palavra de Deus não pode ser frustrada. O amor e a vida vencerão. Se estivermos atentos à palavra activa de Deus e a deixarmos trabalhar nos nossos corações, descobriremos o que nos é dado a fazer.

S. Tomás de Aquino, que, estou certo, todos vocês estudam todos os dias, disse uma coisa maravilhosa. Disse que agimos moralmente quando agimos «como seres inteligentes, dotados de vontade própria e como fonte das nossas acções». Devemos reivindicar a nossa liberdade para sermos fonte das nossas acções. Agimos bem quando agimos a partir do âmago do nosso próprio ser, porque é aí que Deus está, a fazer-nos fortes. Deus não quer que os seus filhos e as suas filhas sejam uns fracos!

Assim, a nossa missão neste mundo de relações desfeitas é ajudar as pessoas a tornarem-se actores, fonte das suas próprias acções. Muitas vezes, a tentação é pensar que somos vítimas. Até há competição para saber quem é a maior vítima. É fácil reivindicar que se é vítima dos fracassos do nosso parceiro, dos nossos pais, dos nossos genes. Jesus foi a verdadeira vítima inocente, mas era livre!

Jesus diz: «Vai e faz tu também o mesmo» e não «Vai e faz a mesma coisa». Não diz ao doutor da Lei o que ele tem de fazer. Ele é que tem de o descobrir. Será inesperado, mas, se deixarmos a Palavra de Deus germinar nos nossos corações, acabaremos por o descobrir. Que Deus nos dê a coragem de o fazer!